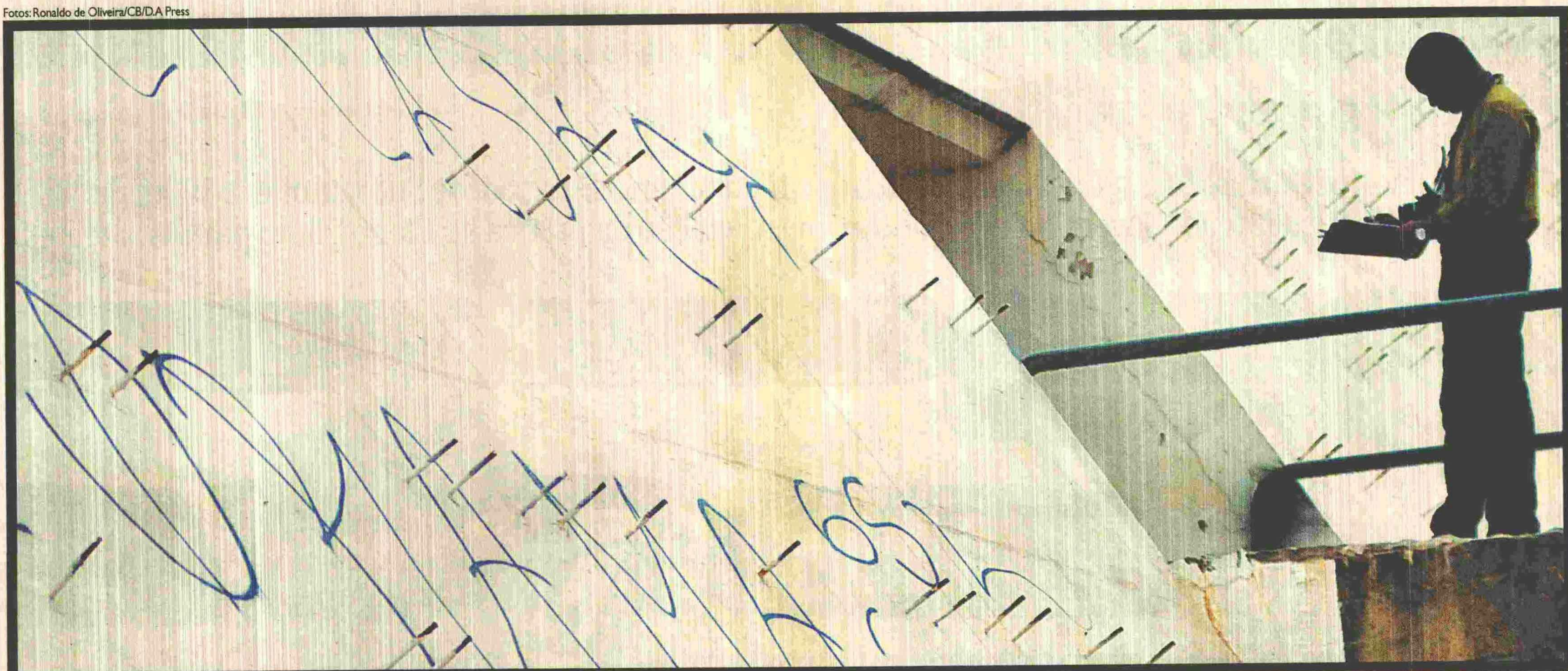


PATRIMÔNIO DANIFICADO

Polícia Civil abre inquérito para saber quem pichou a fachada do Teatro Nacional. Peritos fotografaram ontem a grafia para compará-la com os traços de pichadores catalogados no Instituto de Criminalística

Fotos: Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



EQUIPE DO IC CHEGOU NO FIM DA TARDE PARA PERICIAR O LOCAL. QUEM SUJOU A LATERAL DO TEATRO SUBIU NOS PINOS QUE PRENDIAM CUBOS CRIADOS POR ATHOS BULCÃO E RETIRADOS PARA REFORMA, QUE ESTÁ ATRASADA

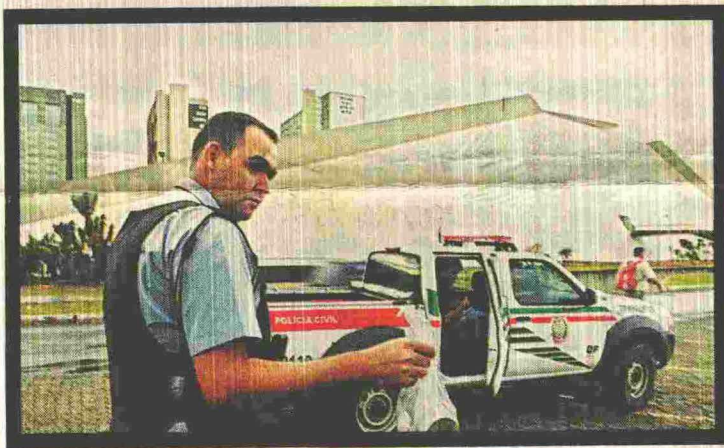
Investigação para identificar vândalos

ARY FILGUEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

A Polícia Civil abriu investigação para saber quem pichou a fachada do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Símbolo cultural e um dos cartões-postais de Brasília, o patrimônio público tombado amanheceu rabiscado de uma ponta a outra na última segunda-feira. Tudo indica que os vândalos praticaram o crime entre a noite de domingo e a madrugada do dia seguinte, pois não havia eventos no teatro. Outro fator que favoreceu a ação criminosa é o número pequeno de vigilantes. À noite, ficam apenas dois: um na parte interna e outro do lado de fora do teatro. "Havia uma festa aqui perto, então a gente só se preocupou com os vidros", admitiu um funcionário da segurança, que pediu para não se identificar.

Ainda ontem podia se ver as marcas do vandalismo. A pintura do prédio foi adiada para hoje, porque a perícia só ocorreu no fim da tarde de ontem. A equipe do Instituto de Criminalística (IC) chegou por volta das 18h. Os peritos fotografaram as grafias para compará-las com os traços de pichadores catalogados no IC. A equipe contou com um papiloscopista, para ajudar na identificação



VIGILANTES ACHARAM LATAS DE SPRAY, QUE FORAM ENTREGUES À POLÍCIA

dos autores. Além disso, ela fotografou a pichação.

Antes, uma equipe da 5ª Delegacia de Polícia (Área Central de Brasília) passou pelo teatro. Um dos agentes conseguiu decifrar algumas palavras, que possivelmente significam apelidos dos autores. Entre elas, Metal, Flash e Bart. No canto direito do Teatro Nacional — no sentido Esplanada/Rodoviária do Plano Piloto — havia uma inscrição debochada: "a maior". "Quanto mais difícil o obstáculo, mais respeito ele (pichador) tem entre os adeptos do crime", revelou um policial.

Os vigilantes encontraram uma importante prova para

ajudar os policiais a chegarem aos criminosos. Um dia depois do ato de vandalismo, eles acharam duas latas de spray perto do local onde foram feitos os rabiscos. Os frascos estavam dentro de um saco plástico, o que ajuda a conservar as impressões digitais de quem os usou.

O delegado responsável pela investigação, Marco Antônio de Almeida, da 5ª DP, acredita que o crime tenha sido praticado por adolescentes. A delegacia também possui um catálogo de pichações cujos autores foram identificados. "Por enquanto, a gente não tem suspeito. Mas vamos continuar as

investigações até pegá-lo", assegurou o delegado.

Pena branda

Por ser considerado um crime de menor potencial ofensivo, a lei é branda para quem pratica o ato de vandalismo. Segundo Almeida, o autor está sujeito a uma pena de seis meses a um ano de prisão. Caso o dano seja cometido contra patrimônio tombado, a pena máxima aumenta para dois anos de cadeia, o que dificilmente acontece. "A legislação prevê, nesses casos, penas restritivas de direito, como prestação de serviços à comunidade", explicou o Marco Antônio de Almeida.

A escalada dos pichadores não foi tão difícil. Os pinos de ferro, que davam sustentação aos cubos de concreto, acabaram servindo de apoio para os criminosos. Os blocos foram retirados em 2007. A colocação deles esbarra na falta de interesse de empresas em participar da licitação para executar o serviço. Por ser patrimônio tombado, têm de ser feitos no mesmo padrão desenhado pelo artista plástico Athos Bulcão, que morreu ano passado.

A Secretaria de Obras informou que abrirá, em 20 dias, nova licitação para recolocar os blocos. Já a Secretaria de Cultura garantiu que vai usar tintas do estoque do teatro para pintar a fachada.

ARTIGO / RENATO RIELLA, JORNALISTA

Brasília está de luto

Se os brasilienses tivessem consciência em relação à cidade onde vivem, deviam todos sair hoje às ruas (para trabalhar, estudar ou passear) vestidos de preto.

É o preço a pagar pelo crime que deixamos ser praticado na madrugada de segunda-feira.

Isto mesmo: hoje (segunda) muitos brasilienses sentiram-se chocados ao constatar que o Teatro Nacional Cláudio Santoro, uma das obras mais geniais da arquitetura mundial, foi pichada de ponta a ponta.

É importante lembrar que a fachada já estava desnuda, vazia, como um rosto sem nariz, sem olhos, sem boca.

O painel, que há quase 50 anos cobre de ponta a ponta a frente do Teatro, de autoria do genial artista recém-falecido Athos Bulcão, foi retirado pelo governo do DF no ano passado e até hoje não retomou seu lugar (felizmente Athos já não está por aqui para sofrer por isso).

Quando vi a obra-prima, do porte de uma Mona Lisa, de uma Vênus de Milo, etc, violentada, lembrei de exemplos edificantes.

Por exemplo, reconheci a sensibilidade de Bin Laden,

que desistiu de derrubar a Estátua da Liberdade no 11 de setembro. Bati palmas para traficantes e bandidos diversos do Rio de Janeiro, que nunca atacaram o Cristo Redentor.

Tive orgulho dos meus conterrâneos baianos, anarquistas e irreverentes, que sempre respeitaram a Igreja do Bonfim, o Farol da Barra e o Elevador Lacerda.

Mas em Brasília, não. Temos gente mais violenta do que Bin Laden, mais agressiva do que o crime organizado do Rio e mais anarquista do que Tom Zé e Carlinhos Brown.

Porém, justiça seja feita, quando o maravilhoso painel de cubos de Athos Bulcão estava instalado na frente do Teatro Nacional, os pichadores não atacaram o Patrimônio Cultural da Humanidade (segundo a Unesco) na madrugada.

Pelo menos temos de reconhecer esse mérito da parte deles.

Da nossa parte, só nos resta chorar. Hoje, quem tiver consciência da cidade onde mora (Brasília, pré-cinquentona) certamente está de luto.

Luto na alma.

Prejuízo ampliado

PABLO REBELLO

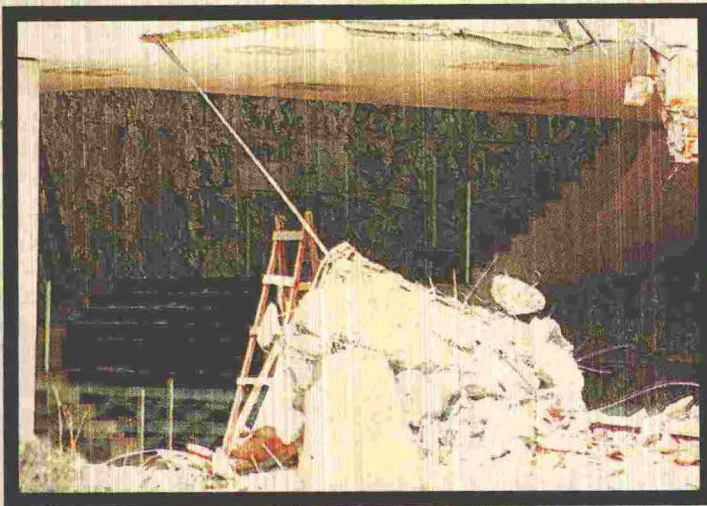
DA EQUIPE DO CORREIO

As ruínas da antiga sede do Clube do Congresso guardavam mais de duas obras de Athos Bulcão. Um inventário elaborado pela empresa Tríade Patrimônio Turismo Educação revelou que outros dois painéis faziam parte da estrutura. Um enfeitava a área da piscina do clube e outro estava em um banheiro. No entanto, ambos estavam escondidos dos olhares do público havia anos, debaixo de pinturas feitas nas paredes posteriormente. As duas obras acabaram destruídas antes do início da demolição do prédio. Mas o painel de gesso que embelezava as escadas não tinha sido destruído até a sexta-feira da semana passada, quando uma equipe da Tríade teve acesso ao local e fotografou a peça.

A obra apresentava algumas avarias, como furos de tama-

nhos diversos em algumas placas, mas ainda poderia ser recuperada. Ontem, o Correio retornou ao local e, mesmo sem poder entrar, constatou que boa parte da metade inferior do painel acabou danificada com as demolições. A equipe ainda procurou checar as condições das outras obras do artista durante a visita ao prédio. Mas, dos painéis originais, restavam apenas cacos de azulejos jogados pelo chão.

"Infelizmente, falta informação para que peças de arte como essas possam ser salvas. Mesmo pessoas instruídas muitas vezes não conseguem reconhecer uma obra de arte moderna", contou Lana Guimarães, diretora da Tríade e supervisora do projeto de inventário das obras de Athos Bulcão. A equipe da Tríade já levantou 259 peças do artista em 105 espaços diferentes por todo o Distrito Federal. Eles também procuraram por outras 23 obras



que constam em arquivos, mas que não conseguiram encontrar. "Trata-se de trabalhos que acabaram destruídos ou mudaram de lugar", detalhou Lana.

Os painéis de Athos Bulcão que enfeitavam o Clube do Congresso foram projetados em 1972. Um centro empresarial será construído no terreno onde ficava o antigo clube. O lote foi colocado em leilão em 2000 e acabou arrematado pela ini-

ciativa privada. Até setembro de 2006, funcionava uma academia no local, que está abandonado desde então. Dois anos atrás, o empresário Davi Avelar comprou o lote em parceria com a Construtora Brasília (Conbral) para a edificação do centro. Serão duas torres de quatro andares cada — o estabelecido pelo gabarito do setor —, destinadas a clínicas e salas comerciais.

PAINEL DE GESSO QUE EMBELEZAVA AS ESCADAS PODERIA SER RECUPERADO

A Conbral aprovou o projeto na Administração de Brasília e conseguiu o alvará de demolição no fim de 2008. A derrubada da antiga sede começou na semana passada e a previsão é de que demore ao menos mais uma semana para ser concluída. A construção do centro empresarial, que deve durar 18 meses, está prevista para ser iniciada em maio. O Correio não conseguiu entrar em contato com representantes da Conbral ontem. Anteriormente, o diretor-presidente da empresa, Ennius Muniz, garantiu que não havia nenhuma obra de arte no clube quando a construtora começou a trabalhar. A reportagem também procurou, sem sucesso, representantes do Clube do Congresso para comentar o caso.

Esplendor perdido

O superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (Iphan) Alfredo Gastal classificou o episódio como uma barbaridade. "Isso foi uma pincelada em cima do abandono da cultura do nosso país. É patético ver uma coisa dessas. Acho um desperdício com toda a população do DF", ressaltou Gastal, que prefere guardar as lembranças do clube em seus dias de glória. "O problema é que fizeram o clube para representantes do governo federal, deputados e senadores, que, com o passar dos anos, retornaram para suas terras natais. O clube acabou praticamente abandonado, assim como as obras de arte que guardava", lembrou. Gastal chegou a visitar o prédio após o fechamento do clube. Mas contou que os painéis tinham desaparecido há pelo menos três anos. No local, só encontrou cacos da genialidade de Athos Bulcão.